

**GLADIADORES NA ROMA ANTIGA:
DOS COMBATES ÀS PAIXÕES COTIDIANAS**

2ª edição

Revisada e Ampliada

Renata Senna Garraffoni

Prefácio à segunda edição

Revisar um livro para uma segunda edição é um duplo desafio: se por um lado é uma oportunidade de atualizar dados e aprofundar aspectos da pesquisa, por outro é um mergulho em uma trajetória e implica em uma série de escolhas. Nesse sentido, gostaria de explicar, nesse momento, os procedimentos adotados. A primeira observação diz respeito a escrita em si, optei por manter a original, em primeira pessoa do plural, embora hoje em dia não adote mais esse estilo. Essa opção diz respeito a escolha de preservar a historicidade da obra, sua característica inicial de tese, escrita no início de uma carreira acadêmica. A divisão de capítulos também foi preservada, embora algumas imagens secundárias tenham sido retiradas, uma vez que não influenciavam nos resultados das análises. Isso significa, então, que a forma do trabalho foi mantida praticamente igual à publicação original.

Como são quase quinze anos entre a primeira edição e essa, o investimento maior na atualização foi, sem dúvida, teórico-metodológico. Se nesse período não houve uma grande alteração na historiografia sobre os combates de gladiadores, mergulhei, portanto, na documentação epigráfica aprofundando aspectos apenas insinuados na versão original, alargando minha percepção sobre o diálogo entre arqueologia e história, assim como as discussões sobre a escrita da história antiga e seu lugar em nosso presente. Assim, as atualizações se deram em momentos específicos do trabalho e, como o leitor ou a leitora poderá conferir a seguir, ampliei as reflexões sobre usos do passado no capítulo 1, atualizei os debates pós-coloniais e às críticas à teoria de Romanização no capítulo 2 e aprofundei as análises epigráficas do capítulo 4. Essas últimas incluíram minha abertura mais recente aos estudos de gênero e a possibilidade de explorar o cotidiano dos gladiadores a partir de análises de percepções de masculinidade, algo até hoje pouco debatido na historiografia sobre os combates.

É importante ressaltar que essas alterações foram feitas inspiradas nos trabalhos de Foucault. Se na versão original sua influência aparecia de forma tímida, busquei enfatizar isso na nova versão e trabalhar a partir da perspectiva de discursos, seja na documentação,

seja na historiografia. Assim, mudanças sutis também foram feitas, busquei retirar termos como ‘imagem’ ou ‘representações’ e investi em conceitos como ‘discurso’. Isso pode parecer, à primeira vista, preciosismo, mas optei por adaptar a linguagem do texto às discussões teóricas foucaultinas e pós-estruturalistas.

A inspiração foucaultina para essa revisão se deve muito a sua lógica inovadora e profundamente crítica das formas de construir o pensamento ocidental, fato já destacado por Deleuze (1990). Para Deleuze, a História faz parte do método de análise empregado por Foucault e sua abordagem rompe com as percepções do século XIX sobre Ciência, questiona o lugar da academia no contexto social moderno e a função do passado no presente. Uma das grandes rupturas do pensamento provocadas por Foucault estaria, segundo Deleuze, no deslocamento proposto na relação passado/presente: se a maioria dos estudiosos do século XIX entendia História como continuidade, como herança, Foucault propôs pensá-la como diferença, como possibilidade de buscar visibilidades e deveris excluídos dos discursos até então elaborado pelos estudiosos.

Assim, busquei, ao longo dessa nova versão, seguir mais de perto alguns preceitos da *Arqueologia do saber* chamando atenção para o fazer do historiador acerca do mundo romano, problematizando as formas de construir o passado e entendendo a escrita como vinculada às questões políticas de seu tempo. Essa postura diante do passado clássico propicia uma nova relação com os acontecimentos e com a produção dos relatos a seu respeito; ou seja, me aproximo de Foucault quando propõe que o passado não é rastro ou continuidade, mas rupturas, fragmentos, questionamentos e descontinuidades, observando as particularidades dessa proposta para o contexto romano.

A partir dessa perspectiva, procurei explorar a instabilidade dos conceitos e seus limites, pois inspirada pelas provocações de Foucault ao longo dos anos que seguiram a publicação original, acredito que esses podem e devem ser questionados, abalando percepções arraigadas no fazer do historiador e criando abertura para o novo. Assim, considerando que a escrita da História não é neutra, mas permeada por interesses políticos ou relações de poder, construída a partir de interesses marcados, sejam eles identitários, étnicos ou ideológicos, optei pelo debate de ideias, pela construção de abordagens mais

plurais acerca do passado romano em geral e dos jogos de gladiadores em específico. Essa nova versão é, portanto, uma aposta na possibilidade de se propor modelos mais plurais sobre o passado romano, de se construir pensamento crítico, de abrir discursos para vir à tona outras memórias, outros passados, outras experiências, outras formas de estar no mundo.

Curitiba, julho de 2018.

Renata Senna Garraffoni.

Prefácio à primeira edição

“Cada povo ama sua própria forma de violência”

Acompanhado pelas palavras de Clifford Geertz, escritas a comentário de seu estudo sobre o jogo das brigas de galos balinesas, desejo apresentar ao público a obra *Gladiadores na Roma antiga: dos combates às paixões cotidianas* da jovem e já experiente historiadora Renata Senna Garraffoni: “cada povo ama sua própria forma de violência” (*Dedalus*, 1972).

Pois é de violência e de jogo que tratam as páginas a seguir: o jogo dos *munera*, dos combates de gladiadores no mundo antigo romano. Um jogo muito especial, impresso em nosso imaginário ocidental ao longo dos séculos, tanto pelas pretensas e insistentes tradições de martírios cristãos como por uma filmografia sempre atenta aos “lugares” mais atraentes de nossa História ocidental. Sangue e areia, armas e duelos, gladiadores e bestas ferozes fazem dos jogos dos gladiadores um material fecundo para a definição de nossas narrativas.

Como historiadora, calmamente atenta aos detalhes, e sempre generosa ao apontar os refugos dos desenhos da História, Renata Senna Garraffoni se preocupa nesta obra de nos entregar um aspecto realmente ainda pouco explorado pela literatura especializada: o da vida dos gladiadores no interior do cotidiano das classes populares do Império Romano ao longo do I século de nossa era, desde Augusto até Trajano, período de grande expansão destes espetáculos. Mesmo do ponto de vista arquitetônico: é neste período que é ultimada a construção de um de seus maiores símbolos: o *Coliseu* de Roma.

Para isso, a Autora lança mão de uma complexa rede de fontes, incluindo obras de literatura antiga e documentos da cultura material (entre eles, grafites parietais incitação das torcidas, propagandas dos jogos e lápides funerárias dos gladiadores), com a intenção, não tanto de realizar um triste catálogo de documentos, e sim de traçar um fio vermelho através

de memórias e indícios diferentes, em busca de uma leitura qualitativamente distinta da Antigüidade romana, a partir de um de seus pontos de vista mais privilegiados: os anfiteatros dos gladiadores e seus “jogos”.

Mas como olhar hoje para um espetáculo de tamanha violência? Qual o significado dele? O que significam os gladiadores hoje? Parece-me que é exatamente sobre a relação das noções de espetáculo e de violência que está a grande contribuição da obra de Renata Senna Garraffoni para a compreensão dessa nossa herança romana. Longe de uma interpretação sociológica tradicional, funcionalista, do jogo, visto como simples reforço da discriminação, da violência do *status* social, as páginas a seguir revelam uma leitura metodologicamente muito mais aprofundada. Pois a sociedade romana, como qualquer sociedade, proclama em cada ato, em cada estrutura, cotidianamente, seu maquinário de *infamia*. Não precisaria do jogo para isso, portanto. O jogo é, invés, muito mais do que simples função de reprodução da violência da sociedade: é sua hermenêutica, sua interpretação. Corolário à margem da vida social, comentário sobre como a mesma é construída, o jogo dos gladiadores é uma História que Roma conta para si mesma sobre violência e coragem, poder e derrota: uma novela de emoções, de valores, um exercício de educação sentimental ativa, de definição da identidade de um povo e de um Império. A experiência cotidiana é representada teatralmente (mesmo que com um final muitas vezes cruento e real) e neste sentido tornada compreensível, sem alterar com isso, porém, o *status* real das coisas: se a ritualização da violência no jogo não coloca em questão o poder, é verdade, o torna, porém, visível, exposto.

Neste sentido pode ser compreendida precisamente a estrutura de produção “evergetista” dos espetáculos: oferecidos ao povo por algum “evergeta”, algum benfeitor magnífico, que, mais do que com a intenção de manipulação das massas pobres, bem expressa pelo antigo adágio *panem et circenses*, propõe um teatro da vida e das relações de poder e dominação da cidade e uma representação dos valores sobre o quais funda-se Império.

O que está em jogo nos *munera*, portanto, pelo menos do ponto de vista social, é muito mais do que a vida de algum gladiador: são os valores fundamentais de uma sociedade, seus sentimentos, seu sistema de honra e vergonha, sua própria razão de ser assim: isto é, “romana” e não... “outra”.

É com isso que podemos explicar, de maneira historiograficamente não unívoca – conforme a frase de Geertz acima – o porque do amor do povo por este jogo da violência, da luta pela vida e pela morte. É um jogo *ético* por excelência: é o jogo da vida representada “como ela é”, da “nossa” vida, no bem e no mal, na coragem e na covardia, ganhando ou perdendo. É o nosso jogo, apesar de tudo.

O leitor é especializado encontrará, nas páginas a seguir, uma ampla discussão historiográfica, habilmente articulada e referenciada, em volta de uma abordagem sócio-cultural dos combates dos gladiadores na vida cotidiana romana. Já o leitor *laico* poderá apreciar a agilidade da obra, que tomando-lo pelas mãos, o levará ao interior da vida cotidiana de Roma Antiga, ao encontro de Histórias de guerreiros e escravos, de fascinantes obras arquitetônicas e de memórias de coragem e dor, registradas para a eternidade.

E quem *passar* por estas páginas, conforme o convite gravado nas lápides dos antigos gladiadores (*PDSTTL*), diga ao final, olhando para tantas vidas aqui recontadas: *que a terra te seja leve* (*Prateriens Dicas Sit Tibi Terra Levis*).

São Paulo, outubro de 2004.

Gabriele Cornelli

Gladiadores na Arena:
Considerações Iniciais sobre os Munera Romanos

*“Não é este, finalmente, o propósito da escrita?
Vencer ao esquecimento”.*

*Isabel Allende,
Entrevista a Raúl Cremades e Angel Esteban,
2001.*

Conta-se que em 264 a.C. foi realizado o primeiro combate de gladiadores na cidade de Roma em memória do falecido Iunius Brutus Pera. Tal episódio, embora tenha sido registrado por Tito Lívio (*Ab urbe condita*, XVI), ainda é motivo de discussão entre historiadores e arqueólogos clássicos. Tradicionalmente, afirma-se que a origem dos combates seria etrusca, no entanto, há quem discorde e sustente a hipótese de que os combates se originaram na região da Campânia e teriam chegado aos romanos por meio dos etruscos¹.

Não menos polêmicas são as considerações tecidas diante o Código Teodosiano de 438 d.C. que marca o fim dos combates no mundo romano. Desde o século XIX costuma-se atribuir o fim dos *munera* ao desenvolvimento do cristianismo. Teja, em um artigo relativamente recente, faz um balanço da questão e enfatiza que, embora esta ainda seja uma perspectiva presente nos estudos sobre o fim dos combates, desde os anos de 1950, a partir dos escritos de Ville, esta concepção vem sendo questionada e a multiplicidade de fatores relacionados ao evento, como mudanças na economia, na política e no próprio gosto dos espectadores passaram a ganhar espaço nestas discussões (Teja 1992).

Estas questões nos ajudam a refletir sobre dois aspectos relacionados à historiografia dos combates: a permanência de facetas dos combates de gladiadores que não

¹ J. Mouratidis, em um artigo recente sobre a origem dos combates, afirma que há poucos estudos sobre o tema. O autor admite que este é um assunto controverso, pois há poucas fontes mas, apesar das dificuldades, tece comentários instigantes e polêmicos. Devido à falta de interlocutores destacada por ele, sua base de diálogo consiste em um trabalho de Ville dos anos de 1950 (Mouratidis 1996). Ainda sobre esta questão cf, também, Paris 1988.

são totalmente conhecidas pelos pesquisadores e a retomada e questionamento de concepções que se cristalizaram ao longo dos séculos. Neste sentido, mencionamos estes dois exemplos não por acaso, mas para ressaltar ao leitor a dinâmica em que as discussões sobre os combates estão inseridas, as discontinuidades e permanências de concepções que, ainda hoje, mantém vivo este polêmico aspecto do mundo romano e nos convidam a voltar nossos olhares ao centro das arenas.

Entre as polêmicas sobre a origem dos combates há alguns aspectos mais consensuais entre os especialistas. Destaca-se aqui o caráter funerário, religioso e privado das primeiras lutas de época republicana. Lafaye, em fins do século XIX, já apontava o ano de 105 a.C. como sendo o primeiro momento em que os combates aparecem como espetáculo público o que, a nosso ver, indica uma mudança na maneira de conceber este tipo particular de luta (Lafaye 1896). Embora o alcance seja maior que os combates de caráter privado, Lafaye indicou também um aspecto peculiar nesta transformação para espetáculo público: o nome *munus* permaneceu diferenciando os combates dos *ludi*, espetáculos do circo ou do teatro.

Munus, cujo plural é *munera*, é uma palavra de âmbito jurídico-social e pode ser traduzida como “empenho”, “presente”, “tarefa”, “obrigação”, “gratificação”, isto é, como um dever que o cidadão deve prestar aos demais. Derivado de *munia*, - *ium*, aparece em contextos oficiais, como os encargos de um magistrado e, por esta característica administrativa, originou termos como *municipium*, *municipalis*, *municeps*, com sentido de “tomar responsabilidades administrativas” (Ernout 1967: 421-422; Mosci Sassi 1992: 141-144).

Com o uso muito anterior a denominação de um tipo específico de espetáculo, que em época imperial consistia em combates de gladiadores e *uenationes* (caçadas de animais), o termo *munus*, *munera* na origem se referia às obrigações, prestações de serviços e encargos públicos de determinados cidadãos para com sua cidade. De acordo com Lécrivain, dois princípios gerais regulamentavam os *munera*, a saber, a fortuna pessoal, que estabelecia as atividades a serem desempenhadas, e a divisão das despesas (Lécrivain 1899:

2038-2045). Havia uma legislação que organizava as doações que poderia variar de acordo com a cidade e região dos territórios romanos, além disso, destaca-se o fato que algumas pessoas poderiam ser dispensadas das obrigações por vários fatores como, por exemplo, idade, enfermidade, número de filhos, tipo de profissões, entre outros.

Os *munera* eram constituídos por diferentes tipos de obrigações que incluíam a distribuição de alimentos, provisões para o exército, manutenção de estradas, muralhas e aqueduto, construção de edifícios públicos, hospedagem de soldados e altos funcionários do Império. Além disso, como o sentido da palavra era bem amplo, *munus*, em algumas ocasiões, também poderia significar diferentes aspectos da vida política, como os anúncios de propaganda eleitoral ou atividades de cunho artístico, como poesias, por exemplo². No caso específico dos combates de gladiadores, o termo nasce a partir da organização de um tipo específico de espetáculo, o *munus funebre*, isto é, homenagem a um ilustre falecido e, originalmente, de caráter privado.

Neste sentido, a mudança de caráter privado para público no final período republicano é considerado pela historiografia, em geral, como um marco fundamental. Neste período haveria uma mudança de percepção e os combates de gladiadores passariam a ser um espetáculo de proporções maiores que as originais. Esta transformação fora interpretada de distintas maneiras ora fora vista como uma evolução natural do fenômeno, ora como ruptura que apontava uma mudança de comportamento e relação política com o nascimento do Império.

Pensando esta nova dimensão dos combates como uma transformação específica do momento histórico em que Roma se reorganizava e expandia, destacamos aqui um fato que retomaremos em diversos momentos de nossa abordagem: a particularidade dos *munera* em diferentes contextos e sua dinâmica ao longo dos séculos que existiu.

Durante o século I d.C., período que centraremos nossa análise, há uma reestruturação dos espetáculos. Os *munera* passam a adquirir uma dimensão mais ampla, há

² Sobre significados políticos e artísticos do termo *munus*, *munera* cf: Funari1989: 83-87.

alterações nas legislações para sua realização e a construção de anfiteatros de pedras afastados do *forum* das cidades indica uma reorganização do espaço urbano e das relações com os espetáculos, pois as *uenationes*, que até então eram apresentadas no circo, passam a constituir parte dos *munera*.

Estas novas características dos *munera* levaram muitos estudiosos do século XIX e XX a investigá-los em conjunto com os *ludi*³. Apesar da particularidade de cada interpretação, que ressaltaremos nas páginas seguintes, é possível afirmar que estas pesquisas realçam um aspecto intrigante da sociedade e cultura romana: o lugar de destaque que os diversos espetáculos ocuparam no cotidiano das pessoas, sejam elas membros da elite, como das camadas populares. O estudo desta paixão, em nossa opinião, é um caminho profícuo para pensar a sociedade romana em sua multiplicidade e dinâmica social, pois consiste em uma forma particular de relação entre os homens e mulheres com diferentes concepções de mundo⁴.

Neste universo complexo e amplo dos espetáculos romanos torna-se necessário ressaltar que optamos por restringir nosso trabalho aos combates de gladiadores. Esta escolha não foi aleatória, mas ao contrário, é fruto do desenvolvimento de uma pesquisa anterior e de experiências pessoais. Em 1998, quando iniciamos a pesquisa de mestrado cujo tema era uma análise da criminalidade no mundo a partir do *Satyricon* de Petrônio e as *Metamorfoses* de Apuleio⁵, tivemos a oportunidade de ir a Roma pela primeira vez. Ver o *Amphiteatrum Flavium*, o Coliseu, foi uma experiência impactante: sua beleza arquitetônica e monumentalidade marcaram profundamente nossa percepção do mundo romano. Assim, no decorrer da pesquisa enfocamos não só a criminalidade como também algumas formas

³ *Ludus, ludi*: palavra de origem etrusca que pode assumir dois sentidos. O primeiro está relacionado com o “jogo em ação”, ao contrário de *iocus* que seria o “jogo de palavras”, a “piada”. Neste sentido, sua tradução no plural como “jogos” diz respeito aos jogos de caráter religioso e oficial. Uma segunda tradução possível é “escola”, isto é, o local em que gladiadores treinavam antes do espetáculo. Um exemplo seria o *Ludus Magnus*, uma das maiores escolas de gladiadores durante o Império. Sobre a origem etimológica da palavra e seus significados, cf.: Ernout 1967: 368-369 e Mosci Sassi 1992: 135-136.

⁴ Nos capítulos seguintes analisaremos autores que tratam os combates em conjunto com os outros espetáculos assim como aqueles que os estudam isoladamente, o que indica a variedade de percepção do objeto e distintos significados de suas denominações.

⁵ A dissertação, defendida no IFCH/UNICAMP em 1999 e orientada pelo prof. Dr. Pedro Paulo Abreu Funari, foi publicada em 2002 com apoio FAPESP: Garraffoni 2002.

de punição destes transgressores e, dentre elas a arena, semeando algumas ideias que resolvemos cultivar ao longo da pesquisa.

Movimentar-se entre as fontes romanas sobre os *munera*, o imaginário moderno criado a partir dos combates e a produção científica sobre o tema é um desafio, pois a diversidade de percepções é grande e faz com que reflitamos sobre as reinterpretações deste aspecto particular do mundo romano e como, ainda hoje, seguem vivas em nosso meio.

Talvez uma explicação para esta repercussão posterior seja a importância que os combates tiveram no cotidiano romano durante os vários séculos que ocorreram, produzindo uma imensa quantidade de vestígios que cruzaram os séculos até nosso presente. Dentre estes vestígios incluímos textos e cultura material de diferentes períodos, desde a República romana ao chamado Baixo Império.

Se pensarmos na documentação escrita, encontraremos referências aos combates de gladiadores em tratados filosóficos de Epiteto, Sêneca, Apuleio, nas narrativas históricas de Tito Lívio, Salústio, Suetônio, Tácito, nos escritos de Cícero e de Plínio, nas divertidas sátiras de Juvenal, Marcial e Petronio, nas *Confissões* de Santo Agostinho, além de escritos oficiais como as *Res Gestae* de Augusto ou o *Digesto* de Justiniano. Humor, Filosofia, legislação, História, registro de feitos memoráveis, seja para zombar, criticar ou narrar a grandiosidade dos espetáculos, estes romanos immortalizaram as cenas das arenas em seus discursos, deixando registros de suas impressões sobre o fenômeno a partir de seu momento histórico e de suas visões de mundo.

Por outro lado, se pensarmos na documentação material, também encontramos uma diversidade de objetos particulares de cada região do Império e do período em que foram confeccionados. Entre tais objetos há os relevos funerários daqueles cidadãos que propiciaram espetáculos com baixo-relevos que nos apresentam representações dos diferentes tipos de gladiadores com sua musculatura bem definida e congelada no momento de um golpe, suas expressões de vitória ou de espera do golpe final, as formas de suas armas, vestimentas ou as pinturas de parede que decoraram o *podium* dos anfiteatros e

casas como em Pompeia. Além de moedas comemorativas, lamparinas de cerâmica com os movimentos ou cenas de combates mais diversos, odres para carregar água, pratos, vasos e os belos mosaicos que coloriram espaços públicos ou privados, em especial os que provinham do norte da África no século III d.C. Nesta listagem poderíamos inserir, ainda, as lápides funerárias de gladiadores que nos contam suas vitórias, derrotas ou amores, os grafites parietais que expressam a admiração de seus fãs ou suas proezas amorosas, suas armas encontradas em Pompeia com representações mitológicas ou mesmo as centenas de bonecos de terracota encontrados em diversas regiões da península itálica e fora dela.

A partir do período imperial, os anfiteatros de pedra, construídos nas regiões mais longínquas, expressam a produção de uma tecnologia e arquitetura específica para a organização e manutenção dos eventos. Além disso, registram em suas arquibancadas nomes das famílias senatoriais ou da elite local, tornando-se uma fonte importante para o estudo das elites regionais. Já as inscrições honoríficas, dedicatórias religiosas, as de caráter funcional ou mesmo os anúncios de espetáculos nos fornecem algumas pistas sobre as complexas redes de relações que se estabeleciam para realizar os *munera*⁶.

Todos estes registros nos propiciam um *corpus* heterogêneo e complexo que expressam pontos de vistas coincidentes ou não, além de exprimirem arte e engenho de diversas etnias que compunham as diferentes camadas da população romana. Experiências de vidas que foram resignificadas nos séculos que seguiram a extinção dos combates, seja por meio dos relatos milagrosos dos mártires cristãos que pereceram nas arenas ou no reaproveitamento das estruturas anfiteatrais para a construção de monastérios ou Igrejas no período Medieval.

Estudos da arquitetura romana do período Renascentista ou mesmo em épocas mais modernas como as miniaturas do Coliseu realizadas desde o século XVIII (Conti, 2001: 117-125; Schingo, 2001: 105-115), as pinturas realistas de combates do francês Jean-Léon

⁶ Museus ingleses, espanhóis, italianos e alemães tem coleções que expressam esta infinidade de objetos que mencionamos. Alguns pesquisadores têm organizado exposições, catálogos ou artigos que procuram tornar pública esta diversidade de documentação material sobre os gladiadores. Cf., por exemplo: Beltrán Martínez e Beltrán Lloris 1991; Blanco Freijeiro 1950; Blázquez 1958; Köhne 2000; La Regina 2002.

Gérôme do século XIX (Ackerman, 1986), as produções cinematográficas de Hollywood em pleno século XX ou as exposições de peças em diversos museus também indicam a força deste fenômeno no imaginário ocidental e a constante reinterpretação do passado romano.

Se por um lado a arte e os estudos arquitetônicos ajudaram a manter viva memória dos combates, por outro, a História e Arqueologia, desde o século XIX foram as grandes responsáveis por produzir conceitos interpretativos deste fenômeno e, consequentemente, de como a sociedade romana se relacionava com os *munera*. Conceitos como “Romanização”, “plebe ociosa”, “política do *pão e circo*” se formaram entre os classicistas do século XIX a partir da leitura das fontes escritas ou da análise dos descobrimentos arqueológicos e passaram a constituir parte de um olhar mais tradicional que acabou por condenar as camadas populares romanas a um segundo plano.

Questionamentos, permanências ou deslocamentos destes conceitos tem movimentado as interpretações dos *munera* ao longo dos anos e evidenciado como esta questão ainda é um campo profícuo a ser explorado. As abordagens mais recentes dos classicistas têm ampliado nossa visão dos combates de gladiadores e mostrado que eles estão inseridos em contextos religiosos, políticos, econômicos, militar e cotidiano romano.

Lendo esta historiografia percebemos, também, a subjetividade destes pesquisadores, suas reações como o espanto, o fascínio, a incompreensão ou a repugnância são expressas por meio dos termos empregados em suas análises. Muitas vezes as comparações que empregam nos surpreendem: a emoção de ver a um *munus* seria como a de presenciar jogos de futebol, basquete ou baseball. Talvez a mais curiosa de todas, seja a proposta por Wiedemann quando este afirma que o excitação produzido por um combate na arena ou uma *uenatio* é o mesmo de assistir a um show de *strip-tease* (Wiedemann, 1995: 143)!

A partir destas considerações iniciais é possível perceber que os *munera* constituem um universo complexo e amplo, com uma grande quantidade de fontes que nos fornecem

distintas percepções do fenômeno por aqueles que frequentaram os anfiteatros romanos e as diversas interpretações produzidas por aqueles que os estudaram *a posteriori*. Diante deste quadro, torna-se necessário esclarecer ao leitor sob quais perspectivas pretendemos desenvolver nosso estudo.

Em primeiro lugar cabe ressaltar que uma abordagem bastante comum é o estudo de extensas regiões sob o domínio romano, sem levar em conta a particularidade de cada local. Como buscamos ressaltar a diversidade dos espetáculos, optamos por restringir nossa pesquisa ao Ocidente romano, mais especificamente a Roma, Pompeia e alguns pontos da *Hispania*. Esta delimitação geográfica justifica-se pelo fato de que, com estas localidades, é possível perceber as diferentes proporções que os *munera* atingiram, abrindo a possibilidade de um estudo comparado entre a principal cidade do Império, uma cidade do sul da península itálica, onde os combates tinham uma presença mais forte e uma região mais afastada da *Urbs*, a *Hispania*, uma das primeiras regiões para onde os combates se expandiram.

Além disso, abordaremos somente os aspectos da gladiatura, pois nossa preocupação central está em analisar as relações cotidianas dos gladiadores com os espetáculos bem como sua receptividade nas camadas populares no século I d.C, aspecto ainda pouco explorado pelos especialistas⁷. Neste sentido, a época a que iremos nos referir situa-se desde Augusto até o início do governo de Trajano, por ser um período de expansão dos jogos, bem como da construção de seu maior símbolo, o anfiteatro Flávio, mais conhecido como Coliseu.

Para esta abordagem selecionamos fontes escritas durante o período e uma documentação material que consiste nos anfiteatros propriamente ditos, lápides funerárias

⁷ Mesmo que os *munera* deste período também já fossem constituídos de *uenationes*, distribuição de alimentos ou presentes aos espectadores e punição de criminosos, não enfatizaremos estes aspectos. Para cada tema há uma extensa produção bibliográfica e como nossa ênfase está no cotidiano dos gladiadores e não na organização estrutural e administrativa dos *munera*, optamos por recortar o estudo, aprofundando a análise em questões relacionadas a gladiatura e mencionando os demais aspectos quando for necessário para o desenvolvimento do argumento. Embora utilizaremos esta estratégia metodológica, ressaltamos que ela não visa reduzir o objeto, mas ao contrário, é um caminho que propicia a análise do particular sem esquecer de seu âmbito mais geral.

de gladiadores e grafites parietais escritos tanto pelos combatentes como por seus admiradores. Cada uma destas categorias de fontes representa um grande número de registros e, por isso, optamos por não realizar um exaustivo estudo de cada uma delas, mas sim escolher as mais representativas para estabelecer diálogos com as interpretações modernas. Neste sentido, ressaltamos que o estudo que segue não constitui um catálogo de fontes escritas e materiais sobre a gladiatura e tampouco visa estabelecer tipologias. Pelo contrário, consiste em uma abordagem qualitativa, isto é, privilegiaremos a particularidade da documentação e não a quantidade de dados, no intuito de evidenciar os conflitos sociais e de propor outras possibilidades de leituras menos normativas e homogêneas do passado romano.

Por esta razão, é possível afirmar que o principal objetivo deste trabalho consiste em um diálogo entre fontes escritas e a cultura material visando uma abordagem social e cultural do cotidiano romano a partir dos combates que se davam nos anfiteatros. Esta perspectiva não visa julgar os *munera* e nem produzir uma visão de sadismo e crueldade da sociedade romana, mas sim discutir as imagens que se construíram destes homens e mulheres e repensar as expressões populares considerando os aspectos plurais de uma sociedade heterogênea como a romana.

Em poucas palavras, a preocupação central do trabalho que movimenta nosso olhar sobre as fontes romanas e a historiografia moderna consiste em uma busca de caminhos alternativos para a compreensão do fenômeno da gladiatura em sua multiplicidade. Para atingir este objetivo dividimos nosso percurso pelas ruas, tavernas e anfiteatros romanos em quatro capítulos, além da apresentação e considerações finais. O primeiro capítulo, intitulado *A singularidade de um Império: glória e sangue nos anfiteatros romanos*, visa uma reflexão sobre a violência implícita aos *munera*. Inicialmente, propomos uma discussão mais ampla sobre as distintas imagens do Império romano que se formaram ao longo dos últimos séculos. Esta discussão, embora mais genérica, é fundamental, em nossa opinião, pois a partir dela apresentamos ao leitor nossa percepção do passado romano e como estruturamos as discussões dos conceitos modernos usados para a interpretação dos combates de gladiadores.

Em seguida, tratamos da questão da violência propriamente dita, tema que tem preocupado os especialistas das últimas décadas. Em nossa leitura, procuramos enfatizar as diferentes construções historiográficas a cerca da violência, desde a ideia de uma arena sangrenta e horripilante, até a proposição de modelos normativos em que a crueldade seria plenamente justificada e amenizada em contexto romano. Este percurso pareceu-nos um caminho profícuo, pois permitiu explorar um aspecto instigante e inerente à historiografia: como a interpretação dos documentos está intimamente relacionada ao momento histórico em que vive o estudioso, bem como a suas posições políticas. Esta atitude, de repensar discursos supostamente neutros, é uma das principais preocupações que norteia nossa escrita e perpassa todos os capítulos.

Com esta postura teórico-metodológica em mente, passamos a explorar outros conceitos empregados para a interpretação dos combates de gladiadores. Assim, no segundo capítulo, *Arena antiga e olhares modernos: gladiadores romanos sob as lentes da História*, retomamos algumas ideias que aparecem nos discursos dos classicistas com muita frequência. Conceitos como de política do “pão e circo”, plebe ociosa e apática e Romanização são analisados em detalhes com o intuito chamar a atenção do leitor para uma situação bastante comum: estas visões, muitas vezes originárias no século XIX, ainda permanecem vivas em interpretações recentes.

Encerramos este capítulo anunciando como percebemos o fenômeno da gladiatura romana e apresentamos nossa proposta de análise, que em linhas gerais, dialoga com modelos normativos de cultura e visa, a partir do diálogo entre fonte escrita e cultura material, buscar alternativas mais dinâmicas ao cotidiano romano que não se limitem à concepção das camadas populares como amantes do vinho, sexo e de espetáculos sangrentos.

Já o terceiro capítulo, *Subindo arquibancadas: anfiteatros romanos e dinâmica social*, consiste em uma análise dos anfiteatros romanos. Como os combates se davam neste ambiente, nos pareceu adequado comentar suas estruturas, formas e funções, bem como

destacar a dinâmica social presente em seu interior, em especial os conflitos inerentes a um espaço em que reuniam muitas pessoas com interesses distintos. Como comentamos anteriormente, este capítulo não tem a intenção de estabelecer uma tipologia de anfiteatros, mas sim de analisar as diferenças entre estes edifícios a partir de uma pequena amostra. Esta opção se explica pela preocupação em enfatizar que as identidades que se formavam nas arquibancadas dos anfiteatros poderiam ser fluídas e, por isso, conflitantes.

Por último há o quarto capítulo. Em *Das arenas às cidades romanas: repensando o cotidiano dos gladiadores* deslocamos nosso foco de análise para os protagonistas do evento, os gladiadores. Nestas páginas procuramos comentar os atos dos gladiadores a partir de dois momentos: dentro e fora da arena. Dentro da arena estes homens e, eventualmente, mulheres eram o centro das atenções. Suas armas e vestimentas causavam diferentes percepções entre aqueles assistiam ao espetáculo, assim como os protegiam dos adversários. Já fora da arena, estes guerreiros possuíam amantes, filhos, amigos e faziam questão de preservar seus feitos. Inscrições parietais de Pompeia e suas lápides são lidas em conjunto para propor outras aproximações do cotidiano daqueles que viviam como gladiadores profissionais, aspecto pouco explorado entre aqueles que se dedicam ao tema.

As páginas que seguem podem ser entendidas, portanto, como um convite para, uma vez mais, direcionarmos nossos olhares para o centro das arenas e seus protagonistas. Esse movimento não é apenas para observar passivamente um ou outro espetáculo, mas para constituir meios refletirmos sobre poder, escrita da História e vida cotidiana no início do Principado romano. Esses temas, entrelaçados, ao serem analisados desde uma perspectiva crítica permitem que possamos construir debates sobre a diversidade do passado e do presente. Cada capítulo explora e expressa as tensões dos textos dos historiadores modernos e da documentação disponível e, em seu bojo, busca inspirar a produção de novas formas de se perceber o dia a dia romano.